

A QUESTÃO DA EXPERIÊNCIA EM PIERRE BAYLE

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo²¹⁸

Resumo: Quando Bayle recorre à experiência é precisamente para mostrar quão funestos foram os efeitos práticos das idolatrias pagã e cristã no decorrer da história, já que nesse âmbito sempre os fatos o demonstram. Assim sendo, o conceito de experiência aparecendo desde suas primeiras obras até seus escritos finais, o filósofo francês entende que, examinando a história criticamente, é possível e legítimo constatar o quanto os cultos idólatras no decorrer dos tempos disseminaram de dissimulação, vícios, aquisição de privilégios duvidosos, interesse, credice e manipulação no decorrer dos tempos.

Palavras-chave: Bayle; filosofia; experiência; história.

Abstract: When Bayle resorts to experience, it is precisely to show how disastrous the practical effects of pagan and Christian idolatries have been throughout history, since in this context the facts always demonstrate this. Thus, with the concept of experience appearing from his first works to his final writings, the French philosopher understands that, by examining history critically, it is possible and legitimate to note how much idolatrous cults throughout time have disseminated dissimulation, vices, the acquisition of dubious privileges, self-interest, superstition and manipulation over time.

Keywords: Bayle; philosophy; experience; history.

“Que um filósofo vos inste tanto quanto queira sobre a maneira pela qual os cometas pressagiam nossos infortúnios, vós não tendes a dizer a ele senão que ainda que não se saiba como o sol ilumina o mundo, ele não deixa de estar certo, com o resto dos homens, que o sol ilumina o mundo porque a experiência o mostra evidentemente; que, assim, a experiência de todos os séculos nos ensinando que os cometas são seguidos de infortúnio, é preciso crer que eles são um presságio mesmo que não se saiba em virtude de que eles o são. Eu poderia, confesso-vos, maltratardes nesse entrincheiramento, mas enquanto vós apelardes à experiência, você sempre terá algum desconto. É porque, Monsenhor, eu entrego-vos primeiro ao tribunal da experiência e afirmo-vos, de fato, que ela não te dará ganho de causa”.

Pierre Bayle, *Pensées diverses sur la comète*, §33.

²¹⁸ PRIMO, M. S. A. (e-mail: marceloprino_sp@hotmail.com), professor de Filosofia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma universidade.

No vasto campo das verdades de fato, o caminho seguro será a experiência, pois Bayle afirma que “a ordem quer que nas questões de fato se consulte antes a experiência que um raciocínio especulativo” (*DHC*, 1740, IV, p. 115, rem. E)²¹⁹. Conceito fundamental que perpassa diversas obras de Bayle, a experiência sempre terá seu denominador comum, a saber, a exigência da necessidade de consultá-la, pois “nada é mais apropriado para convencer um homem honesto, que raciocina sobre falsas hipóteses, do que lhe mostrar que combate contra a experiência.” (*PD*, 2007, p. 310; *OD III*[*PD*], p. 93b); 4º) O recurso de Bayle à experiência é decisivo para mostrar quão funestos foram os efeitos práticos das idolatrias pagã e cristã no decorrer da história, já que nesse âmbito “a experiência o confirma.”²²⁰ (*Id. Ibid.*, p. 264; *Id. Ibid.*, p.78a). Segundo o filósofo de Carla, basta dar um *coup d’oeil* sobre a história para que se constate o quanto os cultos idólatras disseminaram de dissimulação, vícios, aquisição de privilégios duvidosos, interesse, credence e manipulação no decorrer dos tempos.

Em filosofia, experiência tem um vasto campo de definições, seja: 1) experimentar algo, uma vez que o fato seja considerado tanto como um fenômeno, como algo que amplie os horizontes do pensamento; 2) a totalidade das mudanças proveitosas obtidas pelas faculdades do homem por meio de tal exercício e de todos os progressos mentais no decorrer de uma vida; 3) o exercício das faculdades do intelecto entendido como algo que fornece ao espírito conhecimentos válidos que estão para além de um puro sujeito cognoscente; 4) a provocação de condições bem determinadas, cujo resultado jamais podendo ser proferido *a priori*, mas sendo capaz de fazer com que seja possível conhecer a natureza ou lei do fenômeno estudado.²²¹ Mas, para o próprio Bayle, o que é a experiência?²²² É tudo que está oposto

²¹⁹ “En général, l'ordre veut que dans les questions de fait on consulte l'expérience beaucoup plutôt qu'un raisonnement spéculatif.”

²²⁰ “Le bon sens veut cela et l'expérience le confirme.”

²²¹ Para ver um desdobramento mais detalhado e uma crítica de cada uma dessas definições, cf. LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, verbete “Experiência”, pp. 365-67. Em relação à quarta definição, nos *PD* Bayle cita um exemplo relacionando física e experiência: “Com efeito, se supomos que os cometas rolam sobre círculos os quais somente têm uma certa porção que esteja ao alcance de nossa visão, concebemos que retornam a nós após um certo tempo. Se depois disso, supomos que é quase o mesmo tempo que é necessário a fim que a terra fermente algumas exalações malignas capazes de causar a peste, a guerra, etc., como sabemos *por experiência* que a matéria das febres tem necessidade de um certo número de horas para adquirir as qualidades que causam as febres, e, em relação aos médicos, que em algumas pessoas esta matéria produz regularmente febres periódicas ao final de um certo número de anos.” [“En effet, si nous supposons que les comètes roulent sur des cercles dont il n'y ait qu'une certaine portion qui soit à la portée de notre vue, nous concevons qu'elles retournent à nous après un certain temps. Si après cela nous supposons que c'est peu près le même temps qui est nécessaire afin que la terre fermente quelques exhalaisons malignes capables de causer la peste, la guerre, etc., comme nous savons *par expérience* que la matière des fièvres a besoin d'un certain nombre d'heures pour acquérir les qualités qui causent la fièvre, et, par le rapport des médécins, qu'en quelques personnes cette matière-là produit régulièrement des fièvres périodiques au bout d'un certain nombre de années.”](2007, p. 113; *OD III*[*PD*], p. 26b., grifos meus) Ver também o verbete “Experiência” in: RICKEN, F. (org.) *Dicionário de Teoria do conhecimento e metafísica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003, pp.107-109.

²²² Verificar-se-á alguma influência ou não de outros autores sobre o conceito de experiência definido por Bayle, como, por exemplo, as concepções de Bacon e Locke? Quanto ao primeiro, em sua *Redargutio Philosophiarum*, – utilizo aqui a tradução francesa. BACON, Francis. *Récusation des doctrines philosophiques et autres opuscles*. Trad. de Georges Rombi et Didier Deleule. Paris: PUF, 1987 – a experiência aparece em vários momentos, definida como: 1) como conhecimento do mundo, isto é, a experiência (*experientia*) a serviço das descobertas geográficas. Bacon vale-se de uma metáfora: “A experiência é

como a água, mais ela é abundante, menos ela se corrompe.” (p.95); 2) experiência como tudo o que é contrário a lugares-comuns, opondo-se ao que “preconiza o abandono dos trabalhos de pesquisa e de experimentação (*experiendi*) ao lugar de recomendar esta desconfiança que acompanha a sabedoria.” (p.101); 3) experiência equiparada à história e à evidência proporcionada pelos fatos particulares, pois há o iminente risco de ser envolvido por ilusões e equívocos quando são abandonadas “inoportunamente as luzes da natureza, isto é, a história (*historia*) e a evidência dos fatos particulares.” (p.113.) Na mesma obra, ver o conceito de experiência em outros contextos nas páginas 105, 109, 111, 115, 119, 121, 125, 127, 135, 139 e 141. Sobre a importância da história no pensamento de Bacon, ver URBACH, Peter. *Francis Bacon's philosophy of science*. Illinois: Open & Court, 1987, pp.150-164. Em seus *Pensées et vues (Pensamentos e opiniões)* Bacon é categórico: a filosofia tem de ter as suas raízes na experiência: “É porque toda filosofia, separada das raízes da experiência (*experientia*) que lhes permitiram prosperar e crescer, é um cadáver.”(p.205) Ver também p. 189. No *Novum Organum*. - utilizo a tradução francesa. BACON, Francis. *Novum Organum*. Trad. de Michel Malherbe et Jean-Marie Pousseur. Paris: PUF, 1986 – a experiência tem um campo de definições mais vasto ainda, sendo entendida como: 1) algo que experimenta (*in ipso experimento*); 2) modo de experiência (*modus experiendi*); 3) experiência comum (*experientia mera*); 4) como uma via certa e bem organizada (*certa et munita via*); 5) como uma experiência guiada (*experientia litterata*). Ver os aforismos no livro I do *NO* que tais definições são expostas: 18, 22, 25, 62, 70, 80, 82, 101 e 102 em particular e ver também a “Introduction” da edição mencionada, pp.24-30. Bayle não faz uma única alusão a essas concepções baconianas de experiência. No seu verbete “Bacon”, do *DHC* (1740, I, p. 417), há mais registros de segunda mão e ouvir dizer sobre dados biográficos do autor do que propriamente indícios que aproximem seu conceito de experiência ao de Bacon. Por outro lado, se este eleva a noção de experiência ao *status* mesmo de verdadeira filosofia, Bayle utiliza a experiência em prol das suas teses positivas sobre ateísmo e moralidade, indo mais além do que o filósofo inglês. Bacon recusa categoricamente em seus *Essays* a possibilidade da existência de um ateísmo virtuoso, valendo-se de argumentos muito mais de ordem psicológica e religiosa do que propriamente guiando-se pela experiência, que é o mote de todo o seu pensamento filosófico. Vejamos quanto à Locke. Em suas obras, mais propriamente em seu *An Essay Concerning Human Understanding* a experiência aparece, como em Bacon, sob inúmeras vestes e em diversos contextos. Segundo Yolton, “o conceito de experiência para Locke foi amplo, geral e diversificado.” Ver o verbete “Experience”, in: YOLTON, John Y. *A Locke Dictionary*. Cambridge: Blackwell Philosophers, 1993(The Blackwell philosopher dictionaires), pp.73-75. Mas, para Vienne, mesmo exposta por meio de diversas definições, “a experiência é em Locke não somente a origem, mais também o fundamento do conhecimento”, sendo que o “*Essai* não modificará esta posição. O termo fundamento é empregado em múltiplas retomadas para caracterizar a experiência, mas não se trata nada mais do que manutenção do conhecimento utilizado como princípio, isto é, como ponto de partida.”Ver VIENNE, Jean-Michel. *Expérience et raison. Les fondements de la morale selon Locke*. Paris: Vrin, 1991, pp.129-136 em particular. Mas o fundamental é ver as passagens do próprio Locke quanto à experiência no *Essay* – utilizo aqui a edição inglesa de Peter H. Nidditch. LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Clarendon Press, 1975. Vejamos algumas: 1) experiência como critério de verdade: “Tudo o que eu vou dizer para os Princípios que procedem em é que eu só posso apelar a própria *Experiência* preconceituosa do homem e observação sejam elas verdadeiras ou não.”(I, iv, §25, grifo de Locke.); 2) experiência como origem e fundamento do conhecimento: “Onde tem todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo em uma palavra, a partir da *Experiência*, em que se baseia todo o nosso conhecimento, e da qual, finalmente, é derivado.”(II, i, §62, p. 104, grifo de Locke.); 3) experiência como algo que ensina: “*Experiência aqui pode ensinar-me* o que a Razão não pode.”(IV, xii, §9, p. 644, grifos de Locke.) Cf. o conceito de experiência em outros contextos no *Essay*: em relação à investigação dos eventos naturais: II, i, §1; sobre a origem das ideias: II, i, §62; hábitos da percepção resultantes de experiências: II, ix, §8; a experiência e as crianças: I, iv, §2, II, i, §21, e xix, §4; experiência e limitações da linguagem: II, iv, §6 e xviii, §5, III, iii, §10 e iv, §10; em relação às verdades gerais: III, vi, §8, IV, iii, §28 e ix, §3; experiência em outros contextos: II, xxi, §4, xxii, §9, xxiii, §§28-29, xxiv, §3 e IV, x, §29. Ver também a carta à Molyneux de 18 de abril de 1693, in: GOLDIE, Mark. (Éd.) *John Locke: Selected Correspondance*. Oxford: University Express, pp.182-183. Após esta exposição das passagens e das diferentes significações do conceito de experiência em Locke, é possível entrever alguma associação entre o significado de experiência para Bayle? É claro que quando Locke fala de experiência, ele o faz sempre tendo em vista a sua teoria do conhecimento, o homem sendo uma espécie de *tabula rasa* e sendo nula toda e qualquer ideia inata. Já para Bayle, a despeito de suas discussões metafísicas, como sobre a questão da natureza das substâncias e sobre o conceito de extensão com o próprio Locke (*OD III[RQP]*, pp.941b-942ab e *OD IV[Lettres]*, “Letre à Mr. Coste”(Tradutor francês das obras de Locke), p.835ab.), a experiência bayleana seria de outra natureza, a saber, experiência é tudo que concerne à ordem do factual, dos acontecimentos da história. Para Bayle, “Mr. Locke” era “um dos mais profundos Metafísicos destes últimos tempos”[“Mr. Locke, l'un des plus profonds Métaphysiciens de ces derniers temps.”](*OD III[RQP]*, p. 941b; *IV[Lettres]*, p. 700a.) Segundo Bayle, a metafísica de Locke era tributária da escolástica: “[Locke] não acreditava que nós conhecêssemos a natureza das substâncias. Ele confessava que a extensão impenetrável, a divisibilidade, a mobilidade eram propriedades da matéria corporal; mas não a essência ou o atributo constitutivo da substância da matéria. Então, ele acreditava que essas propriedades subsistiam em um sujeito que não conhecemos. Parece-me então que, segundo isto, deve-se dizer que a extensão é só um acidente da matéria, & é o sentimento comum dos Católicos Romanos, & o que eles foram obrigados a sustentar devido à sua doutrina da Transubstanciação.[...] E, em uma palavra, esta

a lugares comuns, tudo que repudia a “pluralidade das vozes”.²²³ Experiência é tudo que esteja ligado à prática²²⁴, a exemplos²²⁵, fatos²²⁶, razões *a posteriori*²²⁷, configurando-se como uma “maneira de refutar

doutrina do Mr. Locke leva-nos a admitir só uma espécie de substância, que por um de seus atributos aliar-se-á com a extensão, & pelo outro com o pensamento; o que uma vez sendo posto, não poder-se-á mais concluir que se uma substância pensa ela é imaterial. Poder-se-ia fazer outras objeções ao Sr. Locke, porque parece que ele queira conduzir-nos ao antigo caos dos Escolásticos, à educação das formas, à distinção real entre a substância & seus acidentes, & a tais outros dogmas absolutamente inexplicáveis.”[(Locke), ne croyoit pas que nous conussions la nature des substances. Il avouoit que l'étendue impénétrable, la divisibilité, la mobilité, étoient des propriétés de la matière ou de la substance corporelle; mais non pas l'essence ou l'attribut de la matière. Il croïoit donc que ces propriétés-là subsistoient dans un sujet que nous ne connoissons pas. Il me semble que selon cela l'on doit dire que l'étendue n'est qu'un accident de la matière, & c'est-là le sentiment ordinaire des Catholiques Romains, & ce qu'ils ont été obligés de soutenir à cause de leur doctrine de la Transubstantiation.[...]Et un mot cette doctrine de Mr. Locke nous mène tout droit à n'admettre qu'une espèce de substance, qui par l'un de ses attributs s'alliera avec l'étendue, & par l'autre avec la pensée; ce qui étant une fois posé, on ne pourra plus conclure que si une substance pense il est immatérielle. On pourroit faire d'autres objections à Mr. Locke; car il semble qu'il veuille nous ramener à l'ancien cahos des Scholastiques, à l'éducation des formes, à la distinction réelle entre la substance & ses accidents, & à tels autres dogmes inexplicables.”](*OD III[RQP]*, pp.941b-942a.) Quanto ao direcionamento e ao objetivo da experiência dados por Bayle, a sua distância em relação à Bacon é a mesma em relação à Locke: se o filósofo de Carla sempre recorre à experiência para tentar demonstrar a existência de ateus virtuosos na história, Locke recua quanto à questão, não valendo-se da experiência que é tão cara ao seu pensamento filosófico. Valendo-se de argumentos em nome da religião, condena com duras palavras o ateísmo. Eis a clássica passagem de sua *Carta à Tolerância*: “[...]enfim, aqueles que negam a existência não devem ser tolerados de modo algum. A palavra, o contrato, o juramento de um ateu não podem formar qualquer coisa de estável e de sacro, e, entretanto, elas formam os laços de toda sociedade humana; ao ponto que, a própria crença em Deus suprimida, tudo dissolve-se. Além disso, ninguém pode reivindicar em nome da religião o privilégio da tolerância, se elimina completamente toda religião professando o ateísmo.”(*Letre sur la tolérance*. Paris: PUF, 1965[2006], p. 83.

²²³Cf. *PD*, parágrafos §§47-48 e *CPD*, IV, XI-XII, e LXXIX.

²²⁴ Bayle respondendo às nove rípidas observações aos seus *Pensées diverses* feitas por um membro da Sociedade Real inglesa, Mr. Harris, associa a experiência à prática: “I. Minha resposta à primeira dessas nove observações é que para mostrar que o Ateísmo não conduz necessariamente aos maus costumes, não há de modo algum prova mais curta nem suficiente do que as que me servi, porque é uma prova fundada sobre a *experiência* ou sobre a *prática*.” [“Ma réponse à la première de ces neuf remarques est que pour montrer que l'Athéisme ne conduit pas nécessairement aux mauvaises moeurs, il n'y a point de preuve plus courte ni plus suffissante que cette dont je suis me servi; car c'est une preuve fondée sur l'*expérience* ou sur la *pratique*.”](*OD III [CPD]*, p. 411a, grifos meus.)

²²⁵Cf. o parágrafo §46 dos *PD*, intitulado “Exemplos de algumas opiniões gerais que são falsas”, no qual Bayle diz: “O que se tem o costume de dizer de certos remédios, que é preciso ter fé se querem que eles façam efeito, se pode aplicar à quantidade de tradições. Vós não quereis ser enganado? Credes sem examiná-los, porque se vós vos distrairdes em esclarecê-los por si mesmo com um espírito difícil, logo verás que a *experiência* não concorda com a voz pública.” [“Ce qu'on a coutume de dire de certains remèdes, qu'il faut y avoir de la foi si l'on veut qu'ils fassent leur effet, se peut appliquer à quantité de traditions. Voulez-vous n'en être pas desabusé?Croyez-les sans les examiner, car si vous vous amusez à vous en éclaircir par vous-même avec un esprit difficile, vous trouverez bientôt que l'*expérience* ne s'accorde pas avec la voix publique.”] (2007, pp. 134-35; *OD III[PD]*, p.33b, grifo meu). Cf. também *CPD*, LXXIX, p. 402.

²²⁶Por exemplo, Bayle recorre aos fatos para mostrar os erros dos paganismo assimilados pelo cristianismo: “Se as observações que fiz não bastam para provar que os pagãos conservaram diversos erros entrando no cristianismo, os quais em seguida perpetuados pela tradição, eu trarei uma prova contra a qual não há palavra a dizer, visto que é *uma prova fundada sobre fatos incontestáveis*.” [“Si les remarques que j'ai faites ne suffisent pas pour prouver que les païens ont conservé diverses erreurs en entrant dans le christianisme, lesquelles ensuite se sont perpetués par tradition, je m'en vais apporter une preuve contre laquelle il n'y a pas le mot à dire, puisque *c'est une preuve fondée sur des faits incontestables*.”](*PDC*, 2007, p. 209;*OD III[PD]*, p. 59b., grifos meus.)

²²⁷No último parágrafo dos *PD*, Bayle, mais uma vez enumerando as razões pelas quais ele provou que cometas jamais poderão ser sinais de mau agouro, precisamente na segunda e na terceira ele afirma: “2)Porque não há nenhuma razão *a priori*, como falam os filósofos, que prova que os cometas tenham a virtude de produzir fisicamente a fome, a mortalidade ou alguma coisa parecida; 3)Porque é falso que possa provar por *razões a posteriori*, isto é, por razões tiradas da *experiência*.” [“2) Parce qu'il n'y a aucune raison *a priori*, comme parlent les Philosophes, qui prouve que les comètes aient la vertu de produire physiquement la famine, la mortalité, ou quelque chose de semblable; 3)parce que est faux, qu'on le puisse prouver par des raisons *a posteriori*, c'est-à-dire, par des raisons tirées de l'*expérience*.”] (2007, p. 510; *OD III[PD]*, p. 159a, grifo meu).

que confunde todas as razões” (OD III[APD], p. 179b).²²⁸ Em uma das respostas às objeções²²⁹ aos seus *Pensées diverses*, Bayle, quando cita uma extensa relação de autores que entendiam que um ateu poderia muito bem discernir entre o que seja um bem e um mal moralmente, define a experiência como o recurso imprescindível para fazer desmoronar suposições, impropérios, giros de retórica proferidos por opositores que sequer se atêm a provas de fato:

Se vós me objetardes que os testemunhos que eu relato no capítulo precedente²³⁰, não significa outra coisa que, se muitas pessoas erram como eu, poderia bastar-me remetendo-vos às observações que eu já fiz acima, mas, por mais capazes que elas sejam de formar a minha apologia completa e arruinar esta nova chicana, [...] refutando-vos por *testemunhos de fato*. As verossimilhanças mais plausíveis se degeneram em visões e ilusões desde que elas se encontram desmentidas pela *experiência*. Isso seria o forte de vossa sétima objeção, porque vou combatê-la por *fatos* que têm uma certeza plena. (OD III [CPD], p. 395b, grifos meus)²³¹

Experiência nesta única passagem remete à: 1) *ir aos fatos*, uma vez que conjecturas sobre assuntos polêmicos são deveras insuficientes para se adquirir a certeza ou um maior grau de certeza a respeito do que está sendo discutido; 2) a um aspecto moral, uma vez que ir à experiência significa desmentir, ou seja, fazer vir à tona uma verdade que foi ocultada propositadamente, seja por má-fé de quem a omitiu, seja por um utilitarismo em nome da religião, uma vez que defender que a tese de que ateus viveram e vivem sob os auspícios da virtude e da reta razão é criticar no âmago toda uma tradição religiosa que justamente pensava e propagava o contrário.²³² E tudo isso, segundo Bayle, “sem lançar na incerteza as mais sensíveis noções do senso comum, que a experiência põe ao alcance dos espíritos mais limitados.” (OD III[APD], p. 182b.)²³³

Bayle utiliza a noção de experiência no capítulo XXIII do *Suplemento ao Comentário Filosófico* – 1688 - em um contexto de discussão bastante complexo, concernente à questão da *graça*, isto é, se quem é persuadido das verdades evangélicas, necessariamente dotado da graça divina, seja agraciado

²²⁸ “[...]manière de réfuter qui confond toutes les raisons.”

²²⁹ Cf. CPD, CXLII.

²³⁰ Ou seja, o capítulo CXLIII das CPD, intitulado “resposta à objeção precedente. Citação de alguns autores que reconheceram que os ateus não ignoram de modo algum a diferença entre o bem e o mal moral.”

²³¹ “Si vous m'objectiez que les témoignages que je rapporte dans le chapitre précédent, ne signifient autre chose si ce n'est que plusieurs personnes errent comme moi, il me pourroit suffire de vous renvoyer aux observations que j'ai faites ci-dessus. Mais quelques capables qu'elles soient de former mon apologie complete, & de ruiner cette nouvelle chicane, je vous veux combler la mesure, en vous réfutant par des *témoignages de fait*. Les vraisemblances les plus plausibles dégènerent en visions & en illusions dès qu'elles se trouvent démenties par *l'expérience*. Ce sera le forte de votre septième objection, car je m'en vais la combattre par *faits* qui ont une pleine certitude.”

²³² Nas APD, Bayle diz: “Eis aí o fato, *rem açu tetigi*. Teriam quisto que eu tivesse deixado a mundo na persuasão onde ele está, que um Ateu está necessariamente mergulhado em toda espécie de crimes: porque esta persuasão, *ainda que pouco conforme à história*, é de um grande uso para a Religião.”[“Me voilà au fait, rem acu tetigi. On auroit voulu que j'eusse laissé le monde dans la persuasion où il est, qu'un Athée est nécessairement plongé dans toutes sortes de crimes: car cette persuasion, *quoique peu conforme à Histoire*, est d'un grand usage à la Religion.”](OD III[APD], pp.177b-178a, grifos meus).

²³³ “[...] sans jeter dans l'incertitude les plus sensibles notions du sens commun, que l'expérience met à la portée des esprits les plus bornés.”

por um “favor especial do Espírito Santo” (*OD II[SCPh]*, p. 523b.)²³⁴, ainda que tenha uma vida absolutamente desregrada e correndo o risco de ser “condenado.” E isso por meio de três argumentos: 1) praticamente todas as seitas partilham deste mesmo lugar-comum: entendem que são favorecidas ou influenciadas pela graça e que as outras, estando mergulhadas na concupiscência, são heréticas (*Id. Ibid.* p. 524a.) Nesse sentido, mesmo sendo educado desde a infância em determinados princípios religiosos, e estando bem persuadido disso em uma certa idade e durante toda a sua vida, “é contra o bom senso recorrer a um princípio sobrenatural e espiritual pela simples persuasão de qualquer religião que seja.” (*Id. Ibid.*)²³⁵; 2) mesmo a fé sendo uma das virtudes cristãs e sendo uma via abertura para a caridade, essa hipótese também não se sustenta, pois a mera persuasão das verdades de fé “que se vê em uma infinidade de pessoas sensuais e perversas, e que morrem impenitentes, não é de modo algum a graça do Espírito Santo.” (2002, p. 186; *Id. Ibid.*)²³⁶; 3) mesmo esses dois fatores ainda são insuficientes para pôr termo à questão, já que o problema se situa justamente na conduta de quem julga o que é heresia ou não, isto é, a necessidade de clareza e de conhecimento por parte de quem julga. Segundo Bayle, não se pode acusar sem as devidas provas, sem um exame prévio, sólido e maduro dos prós e dos contras das argumentações. Após proceder dessa forma, os juízes “regrados pelas provas que lhes pareceram mais sólidas, farão prudentemente uns e outros, ainda que suas sentenças sejam contrárias. Não diferiram em nada quanto ao moral, mas, no máximo, quanto às qualidades naturais do espírito.” (2002, p. 187; *OD II[SCPh]*, p. 524a.)²³⁷ Mas por que Bayle afirma que provas que *pareçam* sólidas são mais suficientes do que provas sólidas propriamente ditas? Porque aí o critério é outro: quando se trata das ações dos

²³⁴ “Et comment pourroit-on prétendre, que tous ceux qui sont persuadés des mystères de la Religion Chrétienne, le sont par une faveur spéciale du S. Esprit, vû que la plupart de ces persuadés-là vivent très-mal, & sont enfin damnés?”

²³⁵ “[...] il est contre le bon sens de recourir à un principe spirituel & surnaturel pour la simple persuasion, de quelque Religion que ce soit.”

²³⁶ “Mas la simple persuasion des verités qu'on en une infinité de gens spirituels & pervers, & que meurent impénitents, n'est point la grâce du S. Esprit.”

²³⁷ “[...] réglés par les preuves qui leur ont paru plus solides, ils auront fait prudemment les uns & les autres, quoique leurs sentences soient contraires. Ils ne differeront en rien quant au moral, mais tout au plus quant aux qualités naturelles de l'esprit.” Isto é, não é nem as paixões tampouco a esperança de recebimento de um favor de uma das partes que deverá ser o fator decisivo na decisão de um julgamento. Bayle afirma no *CPh*: “Mas não há aparência que me possam negar os princípio que eu supponho, e de onde conluo necessariamente que não haveria nada de mais falível, nada de mais irregular, nada de mais indigno de uma inteligência medíocre que de ter estabelecido como um meio legítimo de encontrar a verdade disputada, de examiná-la precisamente no tempo que várias paixões seriam excitadas no coração, e saber-se-ia que no caso de que se achasse verdadeira uma das partes da questão, estar-se-ia exposto às últimas ignomínias e misérias, e que no caso que se achasse verdadeira a outra parte, seria honrado e recompensado com muitos favores. Todas as ideias da ordem, todas as luzes do bom senso, tudo o que a *experiência das coisas humanas* nos dá de julgamento, eleva-se contra isto.” “[Mais il n'y a pas apparence qu'ils me puissent nier les principes que je suppose, et d'où je conclus nécessairement qu'il n'y aurait rien de plus fautif, rien de plus irrégulier, rien de plus indigne d'une intelligence mediocre, que d'avoir étebli comme un moyen légitime de trouver la vérité disputée, de l'examiner précisément dans le temps que plusieurs passions seraient excitées dans le coeur, et que l'on saurait qu'au cas que l'on trouvât véritable l'autre partie, on serait honoré et récompensé de plusieurs faveurs. Toutes les idées de l'ordre, toutes des lumières du bon sens, tout ce que *l'expérience des choses humaines* nous donne de jugement, s'élève contre cela.”; (1992, II, i, p. 181; *OD II[CPh]*, p. 394b., grifos meus.)

homens, não é preciso utilizar a regra que é utilizada para julgar a natureza das coisas, isto é, que as acusações de heresia, de ateísmo ou de qualquer heterodoxia que seja, estão no âmbito da probabilidade e não no âmbito da certeza.²³⁸

Contudo, Bayle vai mais além e aí ele recorre à experiência. Mesmo auxiliado pela graça, não seria possível a quem vai proferir um determinado julgamento obter bom êxito, pois “não saberia discernir melhor por isso os objetos, as provas, a força das objeções e das soluções. A experiência é aí incontestável.” (*Id. Ibid.*, p. 188; *OD II[SCPh]*, p. 524b.)²³⁹ Segundo Bayle, uma vez instaurada a ortodoxia em uma determinada comunhão, a maioria, quase sempre propensa a suportar os reveses do que abjurar, não saberia explicar as razões de sua crença a um controversista hábil em retórica que em poucas palavras refutaria os fundamentos de uma determinada crença. E aqui o filósofo de Carla desfere o golpe contra a graça, ou seja, ser um “predestinado” em nada contribui nem para o aprendizado, muito menos para que amplie o conhecimento:

É um ponto confesso por todo mundo (e quem poderia negá-lo contra a *experiência cotidiana*?) que a graça mais eficaz não aumenta de modo algum o nosso espírito, a memória, a imaginação, não nos ensina nem o hebreu e o grego, nem as regras do raciocínio, nem as soluções dos sofismas, nem os Fatos Históricos. (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid.*, grifos meus.)²⁴⁰

Opondo a graça ao conhecimento propriamente dito, Bayle mostra a fragilidade desse amparo sobrenatural já que ela não permite, mas entrava, o esclarecimento de uma determinada discussão, julgamento, proposição ou objeção. Um indivíduo que não seja um agraciado, destituído de piedade, porém, sendo um estudioso e tendo um espírito arguto, adquire “em um ano mais luzes, conhecimentos, e força para fazer recuar o Adversário de sua religião, que o mais santo que viva nesta Religião sem ler, nem estudar, sem muito espírito nem memória.” (*SCPh*, 2002, p. 188; *OD II[SCPh]*, p. 524b.)²⁴¹ Nas

²³⁸ “Para confirmação disto, eu desejo que bem se lembrem de minha observação precedente, que é que as provas de Heresia ou de Ortodoxia particular não vão jamais além de uma grande probabilidade; assim, os juizes não podem recorrer à via de se desculpar de qualquer temeridade que os novos Filósofos nos apresentam, a saber, de somente afirmar que o que se concebe clara e distintamente não poder ser falso, após tê-lo maduramente examinado sem prevenção e muito tempo.” [“Pour confirmation de ceci, je souhaite qu'on se souvienne bien de ma remarque précédente, qui est que les preuves d'Héresie ou d'Orthodoxie particulière, ne vont jamais au-dessus d'une grande probabilité; ainsi les Juges ne peuvent pas recourir à la voie de se disculper de toute témérité, que les nouveaux Philosophes nous présentent, savoir de ne rien affirmer que ce que l'on conçoit clairement & distinctement ne pouvoir être faux, après l'avoir mûrement examiné sans prévention & long-temps.”] (*SCPh*, XXIII, p. 187; *OD II[SCPh]*, p.524ab.)

²³⁹ “[...]ne conoîtroit pas mieux pour cela les objets, les preuves, la force des objections, & des solutions. L'expérience est là-dessus incontestable.”

²⁴⁰ “C'est un point avoué de tout le monde, (& qui le pourroit nier contre *l'expérience quotidienne*?) que la grace la plus efficace ne nous augmente point l'esprit, la mémoire, l'imagination, ne nous apprend point l'Hebreu ni le Grec, ni les règles du raisonnement, ni les solutions des Sophismes, ni les Faits historiques.”

²⁴¹ “[...] dans un an plus de lumières, de connaissance & de force pour repousser l'Adversaire de sa Religion, que le plus saint qui vive dans certe Religion, sans lire, ni étudier, sans beaucoup d'esprit, ni de mémoire.”] O conhecimento empírico, neste sentido, é fundamental. Na continuação da passagem, Bayle afirma que, caso algum juiz, mesmo consultando as obras originais proferiu um julgamento errôneo, pelo menos o fez e boa-fé: “Por conseguinte, um Juiz que tivesse a graça e pronunciasse que uma tal passagem deve ser tomada em sentido literal, e que um juiz sem a graça determinasse pelo sentido figurado da mesma passagem; esses dois Juizes, digo, seriam ou igualmente culpados de temeridade, se eles tivessem

Additons, o raciocínio é o mesmo: devido ao furor religioso de Jurieu em seus ataques desmedidos às teses bayleanas nos *Pensées diverses*, o que deu o tom tanto da arguição quanto da escrita do algoz de Bayle foram justamente a temeridade e a falta de um exame mais minucioso da obra.²⁴² Em suas apreciações repetidas a esmo, mas em nada provando a falsidade dos argumentos do filósofo de Carla, Jurieu não se ateve às “máximas mais evidentes da *experiência*, do senso comum e todos os fundamentos do sistema da graça.” (OD III[APD], p. 166b, grifo meu)²⁴³. Experiência aqui é ir à fonte, isto é, efetivar uma crítica interna de uma obra específica para poder erigir uma argumentação consistente e com conhecimento de causa, e não redigir uma cópia de trechos recortados, que mostram o quão tendenciosa pode ser uma acusação apoiada em leituras *en passant* e sob afetação. Segundo Bayle, depende tão e somente de que seus acusadores irem à própria obra para constatarem a sua inocência, pois só assim ela “aparecerá a todos os que julgarão após ter bem examinado maduramente de uma ponta a outra todo o livro dos Cometas.” (OD III[APD], p. 166b).²⁴⁴

Bayle afirma que abstrações metafísicas encontrando seu porto seguro em deduções, sistemas, teoremas e axiomas, perdem seu valor quando seu pretense estatuto de verdade “não se encontra conforme à experiência.” (2007, p.290; OD III[PD], p. 87a).²⁴⁵ Bayle assevera que, quando um indivíduo elabora uma proposição que não esteja de acordo com os princípios que lhe são mais caros, ele se preocupa menos em refletir sobre o que lhe foi dito do que em imaginar alguma resposta para combater uma objeção. A razão disso é a dificuldade em propor alguma nova ideia a um espírito empedernido por hábitos enraizados de longa data, ao passo que seria menos difícil discutir e sugerir novos pensamentos

pronunciado sem ter bem consultado os Originais, e adquirido todas as luzes de um bom estudo, ou igualmente isentos de temeridade, se eles tivessem cada um seguido de boa-fé o que suas luzes lhe mostrassem, como mais certo e razoável.” [“Par conséquent un Juge que auroit la grace, & qui prononceroit qu'un tel passage de l'Écriture doit être pris en sens litteral, & un Juge qui sans la grace détermineroit pour le sens figuré du même passage; ces deux Juges, dis-je, seroient un également coupables de témérité, s'ils avoient prononcé sans avoir bien consulté les Originaux, & acquis toutes les lumières d'une bonne étude, ou également exempts de témérité, s'ils avoient suivi chacun de bonne foi ce que ses lumières lui montroient, comme plus certain & raisonnable.”] (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)

²⁴² “Se as proposições que foram extraídas de meu livro fossem simples posições semelhantes a esses corolários sobre os quais se disputam nas Escolas, confesso que eu teria sido obrigado a publicar vários esclarecimentos contra as chicanas do Delator: mas são proposições acompanhadas de tantas provas e conciliadas com tantas observações com os princípios mais fundamentais da Religião que, visto que se for considerado de onde eu as tiro, a que eu as fiz servir e como eu respondo às dificuldades, só se pode ter desprezo pelas objeções de minha parte.” [“Si les propositions que l'on a extraites de mon Livre étoient de simples positions semblables à ces corollaires, sur quoi on dispute dans les Écoles, j'avoue que j'aurois été obligé de publier plusieurs éclaircissements, contre les chicanneries du délateur: mais ce sont des propositions accompagnées de tant de preuves, & conciliées par tant de remarques avec les principes les plus fondamentaux de la Religion, que pourvu que l'on considere d'où je les tire, à quoi je les fais servir, & comment je répons aux difficultés, on ne peut qu'avoir du mépris pour les objections de ma partie.”] (OD III[APD], p.166b.)

²⁴³ “[...]les plus évidentes maximes de *l'expérience* & du sens commun, & tous les fondements du Système de la grace.”

²⁴⁴ “[...]elle paroitra à tous ceux qui n'en jugeront qu'après avoir examiné mûrement d'un bout à l'autre le Livre des Comètes.”

²⁴⁵ “Tout cela beau & bon à dire, quand on regarde les choses dans leur idée, & qu'on fait des abstractions metaphysiques. Mais le mal est que cela ne se trouve pas conforme à l'expérience.”

a alguém mais flexível e aberto a novidades.²⁴⁶ Um exemplo dado pelo filósofo francês é a alusão às perseguições sofridas pelos primeiros cristãos, entendendo que surgiram de um princípio de fanatismo idólatra, de um falso zelo que foi o estopim da ação dos imperadores contra seitas de pensamento divergente, alimentando o ódio por toda a parte. Nesse sentido, a denúncia da ortodoxia dos idólatras aliada à sua propensão belicosa é manifesta, e, simultaneamente, a necessidade de um esclarecimento radical acerca da imagem do ateu no decorrer da história, maculada por esses mesmos idólatras, pois para Bayle “o bom senso quer isso, e a experiência o confirma.” (*Id. Ibid.*, p. 264; *Id. Ibid.*, p. 78a.).²⁴⁷ E a experiência confirma o mesmo com o cristianismo. Bayle examina a objeção feita aos cristãos, que, se em vez de seus princípios pregarem como modelo de conduta e zelo pela conservação da paz pública, não estariam tendo o efeito contrário, isto é, instigando nos homens ódio, volúpia, fanatismo e vontade de combater o próximo. Se na prática, os cristãos vivem na mais absoluta assimetria com o que predicam, disseminando sua cultura de guerra como uma empreitada de devoção, então tal objeção não é tão desprezível, pois se “consultar a experiência, [...] ver-se-á que não há nações mais belicosas do que as que fazem profissão de cristianismo.” (*PD*, 2007, p. 300; *OD III[PD]*, p. 90ab.)²⁴⁸ Se tanto o paganismo como o cristianismo são religiões idólatras por excelência, aqui se desenha a crítica de Bayle: se a idolatria surgiu como uma conversão com zelo demasiado tanto por uma crença, como por ídolos propriamente ditos, o ateísmo seria uma espécie de indiferença, seja em relação a ídolos, seja em relação aos próprios deuses. Mas Bayle estabelece uma espécie de escala de perniciosidade entre idólatras e ateus, sendo o zelo de um idólatra muito mais funesto do que a descrença, “porque, geralmente falando, um homem repleto de beatice e obstinado em seus princípios se rende com mais dificuldade à verdade

²⁴⁶ Não é gratuita essa argumentação. Nas entrelinhas, ironicamente quer dizer que o ateu, de postura mais ponderada, flexível e heterodoxa, é mais propenso a rever seus erros e assimilar novas ideias do que um religioso ortodoxo, de visão estreita, guiado tão e somente por seus hábitos: “É então razoável pensar que os Apóstolos teriam convertido mais pessoas a Jesus Cristo se eles tivessem pregado a povos sem religião, que eles não teriam convertido anunciando o Evangelho a nações engajadas por um zelo cego e obstinado aos cultos supersticiosos do paganismo.” [“Il est donc très raisonnable de penser que les Apôtres eussent converti plus de gens à Jésus-Christ s'ils eussent prêché à des peuples sans religion qu'ils n'en ont converti annonçant l'Évangile à des nations engagées par un zèle aveugle et entêté aux cultes superstitieux du paganisme.”] (2007, p. 264; *OD III[PD]*, p. 78a.)

²⁴⁷ “Le bon sens veut cela et l'expérience le confirme.” Segundo Isabelle Delpla, trata-se aqui de uma oposição de métodos feita por Bayle, a qual se apóia em dois pilares: “1) A verdadeira oposição entre idolatria e ateísmo residiria então menos em um tipo de sociabilidade e de ações civis do que em uma atitude crítica combatendo a projeção dos preconceitos não somente na natureza física, mas também no curso da história. [...] Em segundo lugar, a verdadeira oposição da idolatria e do ateísmo nas práticas e as ações seria a dos métodos e das práticas de interpretação, no sentido o qual o historiador respeitando um ateísmo metodológico não projetaria seus preconceitos nos fatos humanos e na história.” (2003, p. 163)

²⁴⁸ “Mais je dirai bien qu'on ne peut pas y répondre plus mal qu'en disant, comme font plusieurs, qu'on n'a qu'à consulter l'expérience et qu'on verra qu'il n'y a point de nations plus belliqueuses que celles qui font profession de christianisme.” Nesse sentido, “seria preciso ter perdido o senso para suspeitar de ateísmo de pessoas como essas, que, entretanto, cometiam as mais assustadoras desordens que jamais se ouviu falar.” [“Il faudrait avoir perdu le sens pour soupçonner d'athéisme des gens comme cela, qui cependant commettaient les plus effroyables désordres dont on ait jamais ouï parler.”] (2007, p. 299; *OD III[PD]*, p. 90a.)

do que um homem que não sabe no que crê.”(*Id.Ibid.*, p. 263; *Id. Ibid.*, p. 77b).²⁴⁹ E, segundo Bayle, “não me saberiam me negar isto, visto que tenho a experiência do meu lado.” (*PD*, 2007, p. 369; *OD III[PD]*, p.113a).²⁵⁰ Bayle, estabelecendo a experiência como recurso fundamental para desconstruir determinadas opiniões cristalizadas e disseminadas em todas as épocas e lugares, começa a utilizá-la de modo mais específico, como por exemplo, em sua crítica à idolatria. Esta tem por característica peculiar a reverência demasiada e fervorosa a pessoas e a objetos, culminando em representações as mais absurdas de deuses e sendo praticada através de cultos, rituais e orações não menos problemáticos e contraditórios. Logo, se é a tônica dos *Pensées diverses sur la comète* a comparação entre o ateísmo e a idolatria em diversos aspectos e sendo sopesados seus prós e contras, Bayle vai mais uma vez à esfera da experiência, com o intuito de mostrar que, no decorrer dos tempos, a postura do idólatra foi muito mais assimétrica em relação a seus princípios do que a postura do ateu. Um olhar mais acurado sobre os próprios fatos permitirá chegar a conclusão que idolatria e moral ou ateísmo e imoralidade são associações deveras ultrapassadas e passíveis de reavaliação.

Se quisessem lançar-lhe uma objeção, isto é, que esse princípio poderia mais facilmente e melhor corrigido nos idólatras do que nos ateus, Bayle recorre à experiência. Ele questiona porque os idólatras mais supersticiosos não conseguiram ou pouco avançaram em extirpar esse erro de si mesmos:

Que me objetem tanto quanto queiram que o temor a um Deus é um meio infinitamente apropriado para corrigir esta corrupção natural, eu apelarei sempre à experiência e sempre perguntarei porque então os pagãos que levavam o temor a seus deuses até superstições tão excessivas tão pouco corrigiram esta corrupção que não há vício abominável que não tenha reinado entre eles. (*PD*, 2007, p. 309; *OD III[PD]*, p. 93b.)²⁵¹

Consultando a experiência, parece que o recurso a um deus fictício como repressor e freio das paixões humanas surtiu um efeito contrário: tal artifício culminou e desencadeou as mais absurdas superstições, engendrando e disseminando toda sorte de vícios. Contudo, se Bayle afirma que tal corrupção é natural, não seria natural a todos os homens, isto é, a idólatras e a ateus? Uma possível

²⁴⁹ “[...] parce que, généralement parlant, un homme rempli de bigoterie et entêté de ses faux principes se rend avec plus de peine à la vérité qu'un homme qui ne sait ce qu'il croit.” Na continuação da passagem: “E sobre este móbil, parece que valeria mais ser ateu do que mergulhado nas abomináveis idolatrias dos Gentios, porque há muita aparência que os predicadores do Evangelho explicam nossos mistérios e os apoiando com muitos milagres magníficos abririam antes os olhos de pessoas que ainda não teriam tomado seu partido, quero dizer que seriam estariam sem religião, do que pessoas enfatuadas da antiguidade de suas cerimônias e enraizadas na fé e culto de seus ídolos.”[“Et sur ce pied-là, il semble qu'il vaudrait mieux être ateu que plongé dans les abominables idolâtries des Gentils, parce qu'il y a beaucoup d'apparence que les prédicateurs de l'Évangile expliquant nos mystères et les appuyant de beaucoup de miracles éclatants ouvriraient plutôt les yeux à des personnes qui n'auraient pas encore pris leur parti, je veux dire qui seraient sans religion, qu'à des gens infatués de l'antiquité de leurs cérémonies et enracinés dans la foi et le culte de leurs idoles.”](2007, pp. 263-64;*OD III[PD]*, p.78a.)

²⁵⁰ “[...]l'on ne sauroit me nier cela, puisque j'ai l'expérience de mon côté.”

²⁵¹ “Qu'on m'objecte tant qu'on voudra que la crainte d'un Dieu est un moyen infiniment propre à corriger cette corruption naturelle, j'en appellerai toujours à l'expérience et j'en demanderai toujours pourquoi donc les païens qui portaient la crainte de leurs dieux jusqu'à des superstitions excessives ont si peu corrigé cette corruption qu'il n'y a point de vice abominable qui n'ait régné parmi eux.”

resposta seria a seguinte: no caso de cometerem um perjúrio, os ateus fariam sem o hesitar, não temendo punição alguma de uma justiça invisível. Os idólatras, ao contrário, se o fizessem, sê-lo-ia com medo de uma represália celeste, imaginando que a vingança os persegue por toda parte, mas por outro lado, mesmo a despeito deste temor, continuariam blasfemando desde que a ocasião se apresentasse. Não haveria contradição alguma na postura do ateu, pois para ele não há instância divina alguma que o condene e o faça arrepende-se de uma determinada ação cometida, em outras palavras, ele nada deverá e nem incorrerá em contradição com seus preceitos morais. Contrariamente, para o idólatra, tendo conhecimento desde sempre de que suas ações são condenáveis pelo deus que crê, continua agindo temerariamente conduzido por suas paixões.²⁵² Para Bayle, isto é uma questão de fato:

Vemos reinar ainda por toda parte esta espécie de espírito que encerra os homens no pecado, não obstante o temor dos infernos e os remorsos da consciência. [...] Se é então verdadeiro, como a história e o curso da vida comum o justificam, que os homens podem mergulhar em toda sorte de crimes enquanto estão persuadidos da verdade de sua religião que lhes ensina que Deus castiga severamente o pecado e que recompensa magnificamente as boas obras; é preciso concordar que para os que nos dão esta persuasão como uma prova e como uma justificação de boa vida enganam-se necessariamente, e que, assim, é mal raciocinar concluir que um homem que é idólatra viva melhor do que um ateu. (PD, 2007, pp.310-311; OD III[PD], p. 93b.)²⁵³

A história e a vida ordinária o confirmam. É manifesta a discordância entre os temores internos dos idólatras e sua extravagância nas ações. Por vezes, o que uma religião ensina é irrelevante quando as paixões falam mais alto, fazendo com que o indivíduo enverede pelo caminho dos atos mais violentos e desmedidos. E o pior, tentar fazer com que essa postura paradoxal dos idólatras sirva tanto de fundamento e justificativa para uma vida boa, como tentar fazer de argumento contra a moralidade dos ateus. A esse falso raciocínio, Bayle opõe a experiência: é só dar uma consultada historicamente dos feitos dos idólatras para chegar à conclusão de que eles, ao invés de se sentirem impedidos pelo temor e respeito aos seus deuses e à sua justiça, eles os desprezaram, fazendo tudo que seja contrário aos seus preceitos religiosos.

²⁵² É o que afirma Holbach, citando Bayle: “O ateu, quando comete crimes, não pode ao menos pretender que foi o seu deus que o ordena e que o aprova. É a desculpa que, todos os dias, o supersticioso dá para a sua maldade, o tirano para as suas perseguições, o sacerdote para a sua crueldade e para a sua sedição, o fanático para os seus excessos e o penitente para a sua inutilidade. ‘Não são’, diz Bayle, ‘as opiniões gerais do espírito que nos determinam a agir, mas as paixões.’ O ateísmo é um sistema que, de um homem honesto, não fará nunca um perverso e que, de um homem perverso, não fará um homem de bem.” HOLBACH, Barão de. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010, II, xii, p. 797.

²⁵³ “Nous voyons régner encore partout cette sorte d’esprit qui entraîne les hommes dans le péché, nonobstant la crainte des enfers et les remords de la conscience.[...] S’il est donc vrai, comme l’histoire et le train de la vie commune le justifient, que les hommes se peuvent plonger dans toute sorte de crimes pendant qu’ils sont persuades de la vérité de leur religion qui leur enseigne que Dieu châtie sévèrement le péché et qu’il recompense magnifiquement les bonnes oeuvres; il faut tomber d’accord que pour ceux qui nous donnent cette persuasion pour une preuve et pour un titre justificatif de bonne vie se trompent nécessairement, et qu’ainsi c’est mal raisonner que de conclure de ce qu’un homme est idolatre qu’il vit moralement mieux qu’un athée.”

À guisa de conclusão, o filósofo francês entende que o critério de decisão é tão e somente a experiência. Esta, sempre considerada em primeiro lugar para a confirmação ou desvalidação de certas premissas e proposições, não dá margem a argumentos que somente se apoiem em giros de retórica de caráter interessado, que visam mais a confundir o interlocutor do que a esclarecê-lo. História, crítica e experiência aqui se conjugam, com a incumbência de passar em revista toda e qualquer argumentação que não leve em conta os próprios acontecimentos. E será o caso da crítica à idolatria: será pela experiência que Bayle vai constatar o que é mais espantoso: se um ateu pode ser virtuoso ou se um ídólatra pode ser um depravado. Se a primeira premissa o filósofo francês entende que é mais complicada devido à dificuldade de mostrar exemplos de ateus virtuosos nos anais da história – ao menos nos *Pensées diverses sur la comète* - em contrapartida, a segunda premissa é mais notória, pois historicamente, nem sempre idolatria e comedimento nas crenças e nas ações andaram juntos. Políticos ídólatras, guerras de religião e conflito entre as seitas: todos esses fatores permitem a Bayle, uma vez consultada a experiência, erigir a sua dura crítica aos partidários da idolatria, entendendo-os como a pior espécie de supersticiosos.

Referências bibliográficas

BACON, Francis. *Récusation des doctrines philosophiques et autres opuscules*. Trad. de Georges Rombi et Didier Deleule. Paris: PUF, 1987

_____. *Novum Organum*. Trad. de Michel Malherbe et Jean-Marie Pousseur. Paris: PUF, 1986

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]

_____. *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Flammarion, 2007.

_____. *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 1740, 5^{ème} Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.]

_____. *Continuation des pensées diverses, écrites a un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre de 1680 ou Réponse a plusieurs difficultez que Monsieur *** a proposées à l'Auteur*. Amsterdam: Herman Uytwerf, tome II, s.d.p. (versão fac-símile).

DELPLA, Isabelle, ROBERT, Philippe de (Orgs.) *La raison corrosive: études sur la pensée critique de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2003.

HOLBACH, Barão de. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Clarendon Press, 1975.

_____. *Letrre sur la tolérance*. Paris: PUF, 1965[2006].

URBACH, Peter. *Francis Bacon's philosophy of sicence*. Illinois: Open & Court, 1987

YOLTON, John Y. *A Locke Dictionary*. Cambridge: Blackwell Philosophers, 1993 (The Blackwell philosopher dictionaires). .